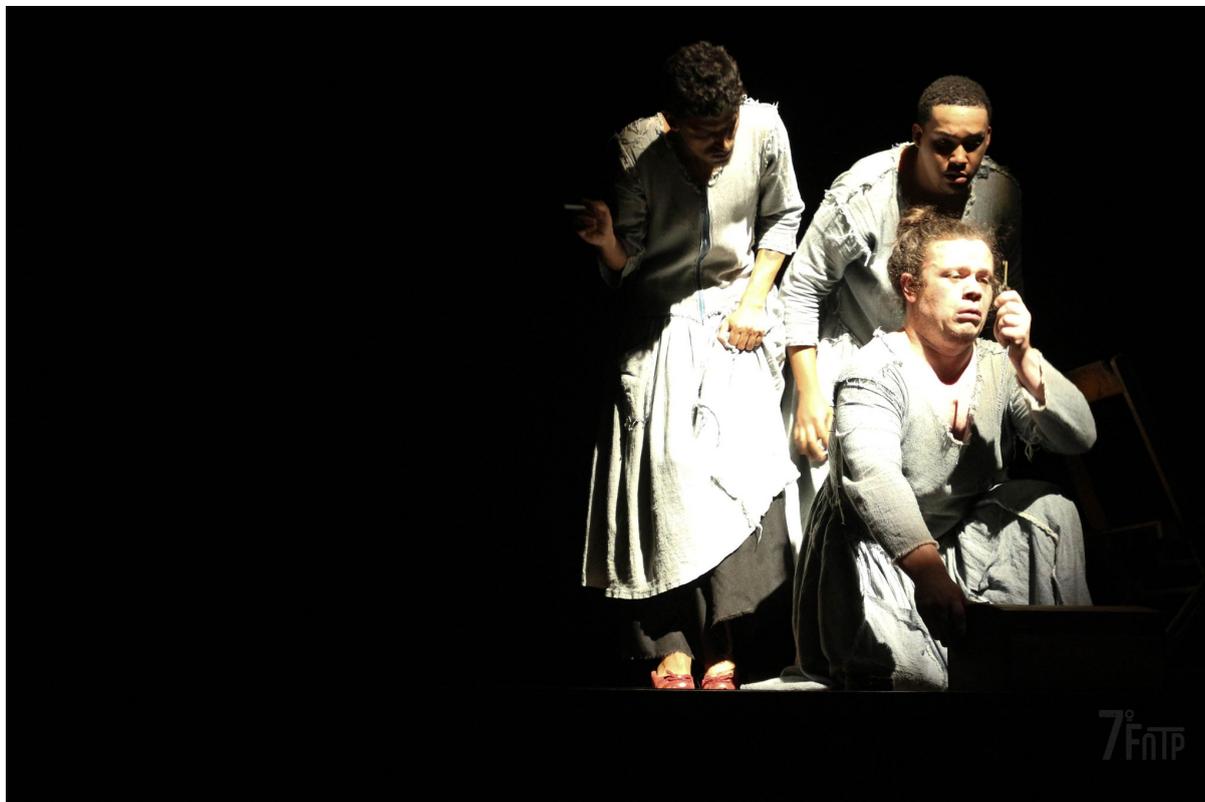


Texto sobre *Querida Celie...*, 2023

Camila Alves Maia Silveira (curso de História, UEMG Passos)
Alexsandro de Sousa e Silva (orientador, UEMG Passos)



 [Querida Celie do Espaço Núcleo](#)

 Foto: @correacarlinha

 Edição: @karlmarxvegano

 4 17 de Julho de 2023

 Teatro Gustavo José Lemos

A peça *Querida Celie...*, que compôs uma parte da programação do 7º Festival Nacional de Teatro de Passos e região em 2023, foi inspirada no livro *A cor púrpura* (1982; Prêmio *Pulitzer* em 1983), de Alícia Walker, que narra a trajetória de uma mulher negra que viveu sob uma série de abusos sexuais e desmandos de homens agressivos e violentos desde os seus 14 anos. Esta obra é um marco na literatura negra dos Estados Unidos da América, inspirando autoras pelas Américas. A direção ficou a cargo de Jonatas Noguel, do Espaço Núcleo (Limeira/SP); o coletivo trabalha com o texto dramático desde 2009. A iluminação em roxo sobre os atores em algumas cenas reforça o elo da encenação com o livro.

Três atores, dois negros e um branco, alternam as/os diferentes personagens, partindo da infância de Celie até seu envelhecimento. Eles aparecem no prólogo da peça, frente a uma

luz vermelha e uma janela aberta ao fundo, enquanto a névoa de gelo seco cerca o espaço do público sob sons de violino. Os artistas estão com maquiagem pouco nítida. Este início demarca a gravidade do tema, que se desdobra em três grandes eixos narrativos.

O primeiro inicia com a morte da mãe de Celie e vai até sua retirada da casa da família. Ela rumou a um casamento forçado com viúvo, sendo este acusado de ter assassinado a esposa. A convivência inicial com o patriarca abusador é cercada de sofrimento. Os estupros que ela sofreu geraram duas crianças, sendo que uma delas reaparece no final. O segundo eixo gira em torno da vida com o viúvo, a descoberta sexual com a artista Shug e sua saída da casa. O terceiro eixo, mais curto, se dá com a reconstrução da vida de Celie com a irmã Nettie, que havia escrito diversas cartas à protagonista, usurpadas pelo viúvo. Toda a trama é permeada pelo constante deslocamento dos atores no espaço cênico.

O texto encenado enfatiza a passividade de Celie, submetida a torturas psicológicas e físicas, fazendo-a crer que é a culpada pelos abusos do pai e do viúvo. Da mesma forma, existe a reiterada necessidade dela lutar, para sair da situação que vivia. A certa altura, Celie invejou Sofia, casada com o filho do viúvo, por esta ser independente e decidida, assim como admirou a autonomia e espontaneidade de Shug. Era a imagem que ela queria ter de si mesma, porém a resignação foi o caminho em todas as situações até certa altura. Posteriormente, os papéis se invertem, pois a Sofia foi submetida à passividade após levar o primeiro tapa no rosto na vida, enquanto Celie criou coragem para sair da casa do esposo.

Durante toda a dramaturgia, as cores acompanham Celie e explicitam suas emoções. Mencionamos as seguintes cenas e tonalidades como exemplo. O vermelho, predominante na peça, deixa o clima mais sombrio e sério, aparentemente essa cor acompanha a dor da protagonista. O lilás, roxo, já mencionado, aparece na cena de nascimento de sua filha, quando ela se encanta com a fotografia da cantora de jazz e quando sai pra comprar um vestido bonito para vê-la cantar, indicando, aparentemente, a alegria, os pequenos momentos e prazeres da vida. Quando tudo está escuro, apenas ela e a irmã se iluminam por alguns minutos, tempo de felicidade por estar próximo a quem ama, isto é, ambas são luz uma para a outra. A morte de um personagem querido pela protagonista deixa tudo azul, frio. No momento em que Celie lê cartas enviadas da África, com menção a símbolos postais da Inglaterra, o amarelo enche de esperança a pequena protagonista, assim como a sensação de calor do sol preponderante.

O revezamento entre os personagens passa a impressão de que “todos são Celie”, ou seja, que todos são a história dela e, além das cores, o cenário e os caminhos dos personagens contribuem para desenhar a história de vida narrada. Uso de palavras de baixo calão, diálogos

coloquiais típicos das regiões interioranas, termos antigos e diálogos que alternam narrador e personagens marcam as *personas* através da entonação, do tom de voz usado pelos atores. A trilha sonora também é parte da peça e acompanha a história acentuando as percepções de ambientes mais fúnebres, tensos ou festivos.

A música é importante nesse contexto, como na cena em que a protagonista vê a foto da Shug, uma cantora negra. Trata-se do primeiro momento, na peça, em que Celie admira algo, que se alegra ao que considera bonito. É notável que ela se encanta com o belo, também com as pessoas que ama, são as duas principais alegrias da personagem durante toda a trama. O belo através da imagem da cantora, do vestido azul marinho, do descobrimento do prazer sexual, da leitura de cartas e da imagem que têm da África naquele momento, mas a personagem sem muitos estudos e vivendo um ciclo de violência enxerga, do espaço de sua casa, um lugar lindo e feliz no outro continente.

Em relação ao cenário, este é composto por poucos objetos que também se transmutam (tal qual os atores e personagens) conforme a narrativa. O espaço de palco contém uma janela e três cadeiras. Outros poucos objetos como uma echarpe vermelha, leques, uma caixa para as cartas também são utilizados, mas é a andança, a música e o jogo de luzes que preenchem o palco. Os deslocamentos ressaltam a dimensão física e conferem dinamismo à peça. Duas cenas com nudez explicitam a economia de variação de vestiário; uma das cenas se dá na cena do banho de Celie em Shug em paralelo com intimidade de mesma Celie, representada concomitantemente por outro ator, em outro espaço/tempo ficcional.

A obra literária, no qual os personagens são majoritariamente pretos, tem sua adaptação no palco representada por atores de variadas características fenotípicas (preto, pardo e branco), e essa solução precisou, de alguma forma, ser explicitada ao público como cada um deles é no mundo ficcional. Conforme já mencionado, o gestual e tom da voz diferencia as *personas*, no entanto, a construção da imagem de cada um se deu de forma “direta”, com o uso de termos como “neguinha”, “preta”, etc., nos diálogos da peça. Em tempos de demandas pela autenticidade na representação negra nos palcos, a escolhida pela direção e da programação do evento foi exitosa, pois colocou em cena a própria diversidade nacional contemporânea, com maioria de negros (pretos e pardos) e o devido espaço a brancos, segundo dados dos últimos censos do IBGE. Porém, é inegável que seria outra a peça se houvesse apenas atores e, especialmente, atrizes negras.

Nesse sentido, cabem aqui algumas palavras sobre a “África” representada nos palcos. Provavelmente tratou-se de uma colônia inglesa, dada a menção ao selo com uma rainha e à

presença de missionários, para onde a Nettie e os filhos de Celie foram levados. Quase metade do livro *A cor púrpura* foi sobre essa “África” com menções ao protagonismo de povos africanos como a Etiópia, porém em cena a menção ao continente foi remetida a uma coreografia entre dois atores.

A propósito, um potencial dramático foi contido na adaptação: o livro original é epistolar. Celie escreveu, desde pequena, uma série de correspondências para Deus, porém a menção às cartas aparecem apenas no final da peça. O título (*Querida Celie...*) remete ao gênero de escrita, como se fosse uma das correspondências escritas pela irmã na colônia britânica do continente africano. Por outro lado, o final da peça ressalta algumas características dos e das personagens, e tais atributos fazem parte da vida comum, aproximando o texto ao público.